



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS – UFNT
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE - CEHS/TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Janessa Carvalho Vieira

IMPLICAÇÕES DO USO DAS TELAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Tocantinópolis-TO

2026

Janessa Carvalho Vieira

IMPLICAÇÕES DO USO DAS TELAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação Humanidades e Saúde (CEHS), curso de Pedagogia, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Arinalda Silva Locatelli.

Tocantinópolis- TO

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V658i Vieira, Janessa.

IMPLICAÇÕES DO USO DAS TELAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES: IMPLICAÇÕES DO USO DAS TELAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES / Janessa Vieira, Janessa Vieira, Janessa Vieira. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2026.

47 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Pedagogia) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Arinalda Silva Locatelli.

1. Educação Infantil. . 2. Desenvolvimento Cognitivo.. 3. Uso de Telas. Tecnologias Digitais. Percepção Docente.. I. Vieira, Janessa. II. Vieira, Janessa. III. Título.

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Janessa Carvalho Vieira

IMPLICAÇÕES DO USO DAS TELAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Pedagogia para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 10/06/2026

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Arinalda Silva Locatelli - Orientadora - UFNT

Profa. Dra. Francisca Rodrigues Lopes - Examinadora - UFNT

Dedico este TCC a Deus, que renovou minhas forças quando pensei em desistir. Ao meu esposo, meu porto seguro, e à minha família, pelo incentivo diário e compreensão. À minha orientadora, cuja sabedoria foi fundamental para a realização deste sonho. E às minhas amigas de jornada, que dividiram comigo os desafios e as vitórias desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por sempre estar ao meu lado, dando-me força, sabedoria e coragem para seguir, mesmo pensando que seria o fim. Obrigada por acalmar os momentos difíceis de ansiedade e desespero; mesmo em meio a tudo isso, Jesus estava lá comigo, fazendo-me ver e acreditar na minha capacidade.

Agradeço também à minha base, minha família, que me encorajou a ser a pessoa que sou hoje: determinada, que corre atrás dos seus sonhos e objetivos, uma menina que busca o melhor não só para ela, mas para toda a família. Não posso deixar de agradecer, em especial, ao meu esposo Matheus, que sempre esteve ao meu lado, vendo toda a minha trajetória até aqui, me encorajando quando eu queria desistir, que via como eu ficava quando era dia de apresentação em sala de aula e quando tinha prova. Estar ao lado dele me fez vencer a cada obstáculo que aparecia; a força que ele me dá faz eu ir além. Obrigada, meu querido.

À minha orientadora, a Professora Dra. Arinalda Silva Locatelli, por ter me aceitado como sua orientanda, pela paciência e disponibilidade ao longo deste trabalho. Suas contribuições, sugestões e ensinamentos foram fundamentais para o amadurecimento do trabalho e para minha formação acadêmica. Sou grata a Deus pela sua vida.

Não poderia deixar de agradecer a cada um dos professores pelo conhecimento compartilhado, pela dedicação ao ensino e pelas contribuições ao longo da minha jornada acadêmica. Os ensinamentos transmitidos foram fundamentais para meu aprendizado, crescimento profissional e para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço às minhas amigas e colegas do curso. Foram anos de muita parceria, apoio e companheirismo nessa trajetória acadêmica. Sem a ajuda de vocês, jamais estaria aqui agora; vocês foram peças fundamentais para que eu terminasse com êxito esse trabalho. Conviver juntas por tantos anos nos mostrou que não conseguimos viver sem a ajuda do próximo e como é importante ter esse apoio, e de mãos dadas chegamos até aqui. Cada momento compartilhado, seja em sala de aula, em trabalhos em grupo ou nos desafios enfrentados ao longo do curso, contribuiu de forma significativa para o meu crescimento acadêmico e pessoal. O apoio, a união e a cooperação demonstrados ao longo dessa caminhada tornaram o percurso mais leve e enriquecedor, fortalecendo não apenas o aprendizado, mas também os laços construídos durante essa jornada. Levo comigo os ensinamentos, as experiências e as memórias dessa trajetória, que certamente contribuirão para minha formação profissional e pessoal.

Os sonhos não determinam o lugar onde vocês vão chegar, mas produzem a força necessária para tirá-los do lugar onde vocês estão. Caminhem com determinação e vençam seus medos.

(Augusto Cury)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as percepções dos professores da Educação Infantil acerca dos efeitos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo de crianças de 0 a 5 anos. Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, fundamentada em estudos da Psicologia do Desenvolvimento e da Educação, com base em referenciais teóricos sobre infância, aprendizagem e tecnologias digitais. A coleta de dados foi realizada através de questionário aplicado, de forma *online*, por meio da plataforma *google forms*, a docentes da Educação Infantil, de turmas do mini maternal, maternal I e II e jardim I e II, de uma escola do município de Porto Franco-MA. Os resultados indicam que os professores reconhecem tanto os benefícios pedagógicos das tecnologias digitais quanto os riscos do uso excessivo de telas, destacando a importância da mediação docente e do equilíbrio entre atividades digitais e experiências presenciais. Conclui-se que a utilização das tecnologias pode ser importante aliada na aprendizagem. No entanto, é necessário equilíbrio na forma de uso, para que não reforce aspectos negativos sobre o uso das telas.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenvolvimento Cognitivo. Uso de Telas. Tecnologias Digitais. Percepção Docente.

ABSTRACT

This study aims to analyze the perceptions of early childhood education teachers regarding the effects of screen use on the cognitive development of children aged 0 to 5 years. It is a qualitative field research study, grounded in studies of Developmental and Educational Psychology, based on theoretical frameworks about childhood, learning, and digital technologies. Data collection was carried out through an online questionnaire administered via Google Forms to early childhood education teachers from mini-nursery, nursery I and II, and kindergarten I and II classes at a school in the municipality of Porto Franco-MA. The results indicate that teachers recognize both the pedagogical benefits of digital technologies and the risks of excessive screen use, highlighting the importance of teacher mediation and a balance between digital activities and face-to-face experiences. It is concluded that the use of technology can be an important ally in learning. However, balance in its use is necessary to avoid reinforcing negative aspects of screen use.

Keywords: Early Childhood Education. Cognitive Development. Screen Use. Digital Technologies. Teacher Perception.

LISTA DE SIGLAS

ABOP	Associação Brasileira de Otorrinolaringologia Pediátrica
AAP	Academia Americana de Pediatria
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEHS	Centro de Educação, Humanidades e Saúde
COVID-19	Coronavírus Disease 2019
OMS	Organização Mundial da Saúde
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de análise e suas definições.....	33
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária de atuação docente	34
Gráfico 2 - Frequência que as crianças utilizam telas (celulares, tablets, TV), conforme informação docente	35
Gráfico 3 - Elementos do aspecto cognitivo que são afetados pelo contato frequente com telas.	36
Gráfico 4 - Benefícios pedagógicos do uso de telas	37
Gráfico 5 - Frequência do uso de recursos digitais na prática pedagógica	38
Gráfico 6 - Objetivos do uso de telas em sala de aula	39
Gráfico 7 - Consciência dos pais ou responsáveis sob os efeitos do uso de telas.	41
Gráfico 8 - Formação docente sobre o uso das tecnologias.	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. SEÇÃO 2 - INFÂNCIA, COGNIÇÃO E O USO DE TELAS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS.....	19
2.1 Tecnologias e Primeira Infância.....	21
2.2 Desenvolvimento Cognitivo na Infância.....	22
2.3 Impactos das telas no comportamento infantil e no processo de aprendizagem.....	27
3. SEÇÃO 3 - PAPEL DA ESCOLA E DOS PROFESSORES DIANTE DAS TECNOLOGIAS.....	32
3.1 A tecnologia na perspectiva dos professores de Educação Infantil.....	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
5. REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Com o crescente avanço das tecnologias digitais, como Smartphones, Tablets, Computadores e TVs, esses recursos têm se tornado cada vez mais presentes na vida das crianças pequenas, especialmente aquelas em idade pré-escolar. Trata-se de um período fundamental para o desenvolvimento cognitivo, e é nesse estágio que as crianças começam a explorar ativamente o mundo ao seu redor. Por isso, o impacto do uso dessas telas pode ser significativo, manifestando-se tanto de maneira positiva quanto negativa. Diante disso, este trabalho propõe discutir o tema, explorando suas diversas facetas e implicações no processo de aprendizagem e formação das crianças.

Nesse cenário, a tecnologia passa a ocupar um lugar central nas experiências cotidianas da infância, influenciando, não apenas o modo como as crianças interagem com o ambiente, mas, também, a forma como constroem conhecimentos, vínculos e significados. O uso de telas por crianças na primeira infância tem se tornado um fenômeno crescente, impulsionado tanto pela rotina familiar quanto pela crença de que os dispositivos digitais podem colaborar com o aprendizado infantil. No entanto, a literatura científica tem evidenciado que a exposição precoce e prolongada às mídias digitais está associada a diversos prejuízos ao desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e relacional.

A revisão integrativa conduzida por Reis et al. (2023) aponta que as consequências do uso excessivo incluem:

[...] Prejuízos na capacidade de tolerância à frustração; interações com o ambiente real, em relações familiares, sociais e ambientais; baixo aproveitamento do uso de brinquedos convencionais e companhia de colegas da mesma idade ou familiares para desempenhar atividades de recreação (Reis et al., 2023, p. 1).

Esses achados reforçam que a substituição das experiências concretas e interativas por estímulos digitais pode comprometer processos essenciais do desenvolvimento infantil. Os autores também observam o surgimento de distúrbios como sedentarismo, distúrbios do sono, dificuldades na fala e irritabilidade, fatores que impactam diretamente a qualidade de vida e o desenvolvimento integral da criança. Diante disso, reforça-se a importância de medidas preventivas e educativas, com foco na atuação de pais, cuidadores e professores.

O papel desses agentes é essencial para orientar o uso consciente das tecnologias, garantindo que as interações humanas e as experiências sensório-motoras, fundamentais na primeira infância, não sejam substituídas pelas telas. Assim, evidencia-se que o desafio contemporâneo não reside apenas na presença das tecnologias, no entanto na forma como elas

são inseridas e mediadas no cotidiano infantil. Nesse contexto, tornou-se urgente estabelecer critérios claros sobre o uso de telas durante a infância, considerando os riscos e prejuízos já evidenciados por estudos científicos.

As recomendações atuais, baseadas em diretrizes da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Academia Americana de Pediatria (AAP), sugerem que crianças com menos de 18 meses não devem ser expostas às telas, com exceção de videochamadas; entre 18 meses e 2 anos, a exposição deve ser mínima e supervisionada; e entre 3 e 5 anos, o tempo deve ser limitado a até uma hora por dia, com conteúdos educativos e acompanhados por um adulto. Para a faixa entre 6 e 10 anos, recomenda-se de uma hora a uma hora e meia diária, sempre com mediação e equilíbrio com outras atividades (ABOPe, 2021, p. 1). Tais recomendações evidenciam um consenso científico quanto à necessidade de limites e de mediação adulta no uso das tecnologias digitais durante a infância.

Tais orientações visam garantir que a infância seja vivida de forma plena, com ênfase nas interações humanas, no brincar livre, na convivência familiar e na proteção do sono e da saúde mental, aspectos frequentemente comprometidos pelo uso indiscriminado das telas. Assim, evidencia-se um problema de grande interesse, pois não se trata apenas de descrever uma realidade, mas também de apresentar uma proposta com intencionalidade prática: colaborar com a atuação dos professores e com o desenvolvimento saudável das crianças. Dessa forma, a discussão ultrapassa o campo meramente descritivo e assume um caráter pedagógico e formativo.

A escolha desse tema e a delimitação do problema baseiam-se em sua relevância atual, tornando-o um objeto de estudo significativo. Diversos estudos apontam que o tempo excessivo diante das telas pode prejudicar a concentração e o vínculo social. Por outro lado, há pesquisas que demonstram que, quando utilizadas de forma adequada, essas tecnologias podem estimular a aprendizagem, a criatividade e até o pensamento crítico. Diante dessa ambivalência, é fundamental aprofundar-se nesse fenômeno, especialmente no contexto da Educação Infantil, onde se iniciam os processos estruturantes do desenvolvimento humano. Torna-se essencial que a Pedagogia compreenda como as telas impactam o desenvolvimento cognitivo infantil, permitindo evidenciar, nesta pesquisa, sua real importância.

Essa dualidade reforça a necessidade de uma análise crítica e equilibrada, que reconheça tanto os riscos quanto às possibilidades pedagógicas das tecnologias digitais. Sabe-se que o cérebro infantil encontra-se em processo de formação durante a primeira

infância, e as experiências vivenciadas nesse período contribuem para o desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores. Conforme postula Vygotsky (1991), o desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais e das mediações culturais. Desse modo, o envolvimento em brincadeiras e atividades sensório-motoras favorece aspectos como atenção, linguagem e memória. Por outro lado, a ausência ou limitação dessas experiências pode refletir em dificuldades no processo de aprendizagem. Nesse sentido, à luz das discussões apresentadas, a mediação adequada do uso das ferramentas digitais mostra-se relevante para não comprometer esse processo de desenvolvimento.

O problema que orienta esta investigação pode ser enunciado da seguinte forma: como os professores da Educação Infantil percebem os efeitos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo das crianças e como têm utilizado as tecnologias em suas atividades pedagógicas? Este questionamento decorre tanto da experiência pessoal da pesquisadora quanto das lacunas observadas na literatura, e orienta a construção dos instrumentos de coleta e análise de dados. Ao eleger a percepção docente como foco de análise, o estudo valoriza o olhar daqueles que vivenciam cotidianamente os impactos das tecnologias no contexto escolar.

A justificativa para a realização deste estudo tem origem numa experiência pessoal vivida pela pesquisadora enquanto cuidava de um bebê de cinco meses, quando observou que a criança dependia da presença da tela (celular/televisão) para alimentar-se; essa constatação, acrescida das vivências nas disciplinas de Estágio Supervisionado, e em outras, como: Pesquisa I, Educação e Mídia, além das observações cotidianas, enquanto professora de Educação Infantil, em que algumas crianças, ao serem expostas à televisão, demonstravam forte absorção e afastamento do contexto social, motivou a escolha do tema. Além disso, a crescente utilização de dispositivos digitais pela população infantil e a escassez de estudos que investiguem a percepção docente no contexto da Educação Infantil reforçam a pertinência da investigação. Essas vivências conferem ao estudo um caráter situado e comprometido com a realidade educacional.

Objetiva-se, portanto, analisar a percepção dos professores da Educação Infantil sobre os efeitos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo das crianças de 0 a 5 anos. Os objetivos específicos que orientam a pesquisa são: apreender o processo histórico da inserção das tecnologias digitais na sociedade e no universo infantil; examinar os efeitos percebidos pelos professores acerca do uso de telas nas habilidades cognitivas das crianças (atenção, linguagem e aprendizagem); e verificar as estratégias utilizadas pelos professores para

equilibrar o uso das tecnologias com as atividades pedagógicas. Esses objetivos buscam articular teoria, prática pedagógica e reflexão crítica.

Para alcançar esses objetivos, adotou-se como percurso metodológico uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, voltada para compreender em profundidade a realidade vivenciada pelos professores da Educação Infantil. Esse tipo de investigação permite analisar as percepções docentes de forma mais sensível e interpretativa, atribuindo significados aos fenômenos observados. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 59), a pesquisa de campo busca obter informações sobre um problema que atinge um grupo-alvo, e, segundo os mesmos autores (2013, p. 70), a abordagem qualitativa exige uma interpretação indutiva dos dados.

A pesquisa foi desenvolvida com 10 docentes de uma escola localizada na cidade de Porto Franco-MA, onde a pesquisadora atua profissionalmente. Essa escolha se justifica tanto pela relevância da instituição no contexto local quanto pela possibilidade de acesso direto aos professores e à realidade cotidiana das crianças. O fato de integrar a equipe de docentes permitiu vivenciar de perto a realidade institucional, o que contribui de forma significativa para compreender a dinâmica escolar e identificar os elementos relevantes para a pesquisa, buscando em si. E por ser uma forma de contribuir com a própria instituição, buscando propor melhorias práticas a partir dos resultados obtidos.

Participaram da investigação docentes que atuam em diferentes turmas da Educação Infantil, como Mini Maternal, Maternal II, Jardim I e Jardim II, nos turnos matutino e vespertino. Para a coleta de dados, elaborou-se um questionário no *Google Forms*, contendo 10 perguntas, sendo 8 objetivas e 2 subjetivas, enviado via *WhatsApp* aos participantes. Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo, fundamentada em Bardin (2001), a partir da qual foram construídas nove categorias temáticas emergentes das próprias questões do questionário e das recorrências observadas nas respostas docentes.

Cabe destacar que a pesquisa respeitou todos os princípios éticos, assegurando a privacidade e o sigilo das informações fornecidas pelos participantes. Antes da participação, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual se explicitaram os objetivos da pesquisa, a confidencialidade das respostas e o direito de desistência a qualquer momento.

A partir do exposto, este estudo busca contribuir para uma reflexão crítica sobre o uso das tecnologias digitais na infância, com ênfase na prática pedagógica dos professores da Educação Infantil. Ao investigar as percepções docentes acerca dos impactos das telas no desenvolvimento cognitivo, pretende-se ampliar o debate sobre a mediação consciente dos

recursos digitais em sala de aula, oferecendo subsídios teóricos e práticos que favoreçam o desenvolvimento saudável das crianças e a qualificação das experiências educativas. Dessa maneira, o trabalho reafirma seu compromisso com a formação integral da criança.

O presente trabalho está organizado em três seções principais. A Seção 1, diz respeito à introdução do trabalho. Seção 2, apresenta a fundamentação teórica, discutindo o desenvolvimento cognitivo na infância, a inserção das tecnologias digitais nos primeiros anos de vida e os impactos do uso de telas no comportamento e na aprendizagem das crianças. A Seção 3 descreve os procedimentos metodológicos adotados, incluindo o tipo de pesquisa, participantes, instrumentos e a forma de análise dos dados, e discute os resultados da pesquisa realizada com docentes da Educação Infantil de uma escola municipal de Porto Franco-MA. Por fim, as considerações finais, que sintetizam as principais contribuições do estudo para a compreensão do fenômeno investigado.

2. SEÇÃO 2 - INFÂNCIA, COGNIÇÃO E O USO DE TELAS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Esta seção tem como objetivo apreender o processo histórico da inserção das tecnologias digitais na sociedade e no universo infantil. Está estruturada em três subseções: 2.1 Tecnologias e Primeira Infância; 2.2 Desenvolvimento Cognitivo na Infância; e 2.3 Impactos das Telas no Comportamento Infantil e no Processo de Aprendizagem. A partir da contribuição de diferentes autores e abordagens interdisciplinares, a seção busca estabelecer um diálogo entre os fundamentos teóricos do desenvolvimento infantil e os desafios contemporâneos impostos pela presença crescente das tecnologias digitais.

Para iniciarmos nossas reflexões sobre a temática em questão, primeiramente é importante conceituarmos o que se entende por tecnologias digitais. De modo geral, as tecnologias digitais referem-se ao conjunto de dispositivos, sistemas e recursos baseados na digitalização da informação, que possibilitam a produção, o armazenamento, o processamento e a circulação de dados por meio de equipamentos eletrônicos, como computadores, smartphones, tablets e televisores conectados à internet. Segundo Sousa, Moita e Carvalho (2011), essas tecnologias caracterizam-se pela integração entre diferentes linguagens, texto, imagem, som e vídeo, promovendo novas formas de comunicação, interação e construção do conhecimento.

Nesse sentido, as tecnologias digitais não se restringem apenas aos aparelhos em si, mas englobam também práticas sociais, culturais e educativas mediadas por ambientes virtuais, que impactam diretamente os modos de aprender, de se relacionar e de acessar

informações, na contemporaneidade. Ainda que muitos estudos foquem nos impactos tecnológicos sobre a vida adulta, é fundamental refletir como essas mudanças sociotécnicas também afetam profundamente a infância. Sob essa ótica, Mattoso (2010, p. 31) observa que “em pleno século XXI, onde a tecnologia está cada vez mais avançada, as pessoas adquirem doenças e problemas psicológicos frequentemente”. Esse alerta não se restringe à população adulta, mas se estende ao universo infantil, já que as crianças estão cada vez mais inseridas nesse contexto tecnológico desde cedo. Assim, torna-se imprescindível analisar como a infância vem sendo atravessada por transformações tecnológicas que influenciam modos de viver, aprender e se relacionar.

O progresso tecnológico, que tem propiciado a automação de algumas tarefas do dia a dia, ao mesmo tempo em que proporciona comodidade, rapidez e flexibilidade, tem levado muitos indivíduos, inclusive crianças, a adotarem um estilo de vida mais sedentário e isolado. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o uso excessivo de telas e a redução de atividades físicas estão associados a prejuízos físicos e mentais, principalmente na infância. A facilidade no acesso à informação e a automatização de atividades habituais reduzem o esforço físico e mental, promovendo uma tendência ao isolamento e à diminuição do envolvimento em atividades físicas e sociais. No contexto da infância, tais mudanças tornam-se ainda mais sensíveis, uma vez que interferem diretamente nas oportunidades de socialização, exploração do ambiente e construção de aprendizagens significativas.

Essa transformação nos hábitos cotidianos impacta negativamente a saúde mental infantil, visto que o contato intenso e prolongado com as telas digitais pode estar relacionado a alterações de comportamento, como déficits de atenção, ansiedade crônica e dependência de estímulos visuais rápidos. Conforme discutem Oliveira et al. (2024), embora as tecnologias ofereçam inúmeras possibilidades educativas, seu uso inadequado pode comprometer o desenvolvimento de competências socioemocionais, exigindo uma postura crítica e reflexiva por parte de educadores e famílias quanto aos limites e responsabilidades no uso desses recursos.

O desenvolvimento cognitivo infantil, especialmente na primeira infância, constitui-se como um processo complexo e essencial para a formação do sujeito, sendo fortemente influenciado pelas interações estabelecidas com o meio social e cultural. Segundo Oliveira et al. (2024), as experiências sociais e emocionais são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como atenção, linguagem, memória e pensamento, uma vez que estão diretamente relacionadas à forma como a criança se relaciona consigo mesma e com o outro.

Nesse sentido, as tecnologias digitais, quando utilizadas de forma consciente e mediada, podem contribuir para novas formas de aprendizagem; contudo, seu uso excessivo pode gerar prejuízos ao desenvolvimento, especialmente no que se refere à concentração, criatividade e socialização. Assim, a questão central não se limita ao acesso às tecnologias, mas à maneira como essas ferramentas são incorporadas às práticas educativas e às vivências infantis.

Para aprofundar a compreensão dos efeitos das tecnologias digitais no processo de aprendizagem das crianças, torna-se necessário compreender os fundamentos do desenvolvimento cognitivo na infância. Esse entendimento possibilita situar os impactos das telas dentro de um processo mais amplo, que envolve o amadurecimento das capacidades mentais, emocionais e sociais desde os primeiros anos de vida, conforme apontam Oliveira et al. (2024). A partir dessa perspectiva, a próxima subseção abordará os principais aspectos do desenvolvimento cognitivo infantil, oferecendo bases teóricas para a análise dos efeitos do uso de telas na Educação Infantil.

2.1 Tecnologias e Primeira Infância

A presença das tecnologias digitais, como Smartphones, Televisores, Tablets e Videogames, tem se intensificado de forma significativa na vida das crianças, especialmente a partir da ampliação do acesso à internet e da popularização dos dispositivos móveis. Esse cenário é resultado de um longo processo histórico de evolução tecnológica, marcado por diferentes gerações de tecnologias que transformaram as formas de comunicação, trabalho, aprendizagem e socialização ao longo do tempo (Paiva e Alves, 2018). Nesse sentido, a tecnologia deixa de ser um recurso pontual e passa a constituir um elemento estruturante da vida social contemporânea, impactando diretamente as experiências da infância.

Historicamente, o desenvolvimento tecnológico esteve associado às necessidades humanas de sobrevivência, deslocamento e organização social. Tecnologias consideradas iniciais, como a bússola, surgida por volta do século XI, foram fundamentais para a orientação espacial e para a expansão das navegações, configurando importantes marcos no uso de instrumentos técnicos para facilitar as atividades humanas. Ao longo dos séculos, novas invenções, como a imprensa, a máquina a vapor e, posteriormente, a eletricidade, impulsionaram profundas transformações sociais, econômicas e culturais, caracterizando diferentes fases ou gerações tecnológicas (Paiva e Alves, 2018). Cada uma dessas transformações alterou significativamente as formas de produção do conhecimento, de circulação da informação e de organização das relações humanas.

Segundo Souza e Alcará (2021) o século XX, especialmente a partir de sua primeira metade, caracterizou-se pela Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial. Nesse ambiente conflituoso estruturou-se a chamada Geração Tradicional (1928-1945). Em paralelo aos conflitos crescentes, essa geração presenciou o início da consolidação da comunicação em larga escala com a popularização do rádio, sendo considerado o primeiro grande veículo de comunicação em massa. Posteriormente, surgiu a geração Baby Boomers (1946-1964), marcada pela expansão da televisão, do telefone fixo e dos eletrodomésticos. Na sequência, a Geração X (1965-1980), introduziu o computador pessoal, o início da internet, e o videocassete. Logo após surge a Geração Y ou Millennials (1981-1996), caracterizada pela popularização da internet, do e-mail, dos aparelhos celulares, e das redes sociais, sendo sucedida pela Geração Z (1997-2012), que consolidou o uso de smartphones, redes sociais e plataformas de streaming.

Atualmente, vivencia-se a Geração Alpha (2013), cuja realidade é perpassada pela inteligência artificial, assistentes virtuais e realidade aumentada. Nota-se que, enquanto as gerações passadas eram delimitadas por acontecimentos históricos marcantes, as atuais diferenciam-se predominantemente pelo tipo de tecnologia ao qual têm acesso desde o nascimento.

Esses recursos ampliaram significativamente o acesso à informação e passaram a influenciar os processos educativos, promovendo novas formas de ensinar e aprender. No final do século XX e início do século XXI, com o advento da internet, dos dispositivos móveis e das redes digitais, inaugura-se uma geração tecnológica marcada pela conectividade constante, pela interatividade e pela rapidez na circulação de informações (Paiva e Alves, 2018). Esse novo contexto redefine as relações com o tempo, o espaço e o conhecimento, intensificando o contato cotidiano com as mídias digitais.

Nesse contexto, as crianças da primeira infância passaram a vivenciar, desde muito cedo, uma relação direta com os recursos tecnológicos. Diferentemente das gerações anteriores, cujo contato com as tecnologias ocorria de forma gradual, as crianças contemporâneas crescem imersas em ambientes digitais, o que influencia diretamente seus processos de desenvolvimento cognitivo, social, emocional e linguístico. Assim, a tecnologia passa a integrar o cotidiano infantil, interferindo nas brincadeiras, nas interações sociais e nas formas de aprendizagem (Paiva e Alves, 2018). Essa inserção precoce suscita questionamentos sobre seus impactos no desenvolvimento, sobretudo em uma fase marcada pela centralidade do brincar, da socialização e das experiências sensoriais concretas.

Dessa forma, compreender a relação entre tecnologias e primeira infância exige o reconhecimento desse percurso histórico de evolução tecnológica. Tal compreensão contribui para uma reflexão crítica sobre os desafios e as possibilidades do uso das ferramentas digitais na Educação Infantil, reforçando a importância da mediação consciente por parte de educadores e famílias. Cabe, portanto, analisar de que modo essas tecnologias podem ser integradas ao contexto educativo sem comprometer os processos fundamentais do desenvolvimento infantil, tema que será aprofundado nas discussões subsequentes.

2.2 Desenvolvimento Cognitivo na Infância

O desenvolvimento cognitivo da criança tem sido objeto de estudo de diversas teorias psicológicas e educacionais, sobretudo por sua relevância na constituição do sujeito desde os primeiros anos de vida. Compreender como a criança constrói o conhecimento a partir de sua relação com o mundo possibilita ao educador atuar de forma mais consciente, planejando práticas pedagógicas que respeitem os processos internos de aprendizagem. Assim, torna-se indispensável analisar os fundamentos que explicam essa construção cognitiva na infância, considerando tanto os aspectos biológicos quanto os sociais e culturais que interferem no desenvolvimento. Essa compreensão amplia o olhar sobre a infância, reconhecendo a criança como sujeito ativo, histórico e social, inserido em contextos que influenciam diretamente seus modos de aprender e se desenvolver.

O desenvolvimento cognitivo infantil configura-se como um processo dinâmico, contínuo e complexo, no qual a criança constrói ativamente o conhecimento a partir da interação constante com o meio. Desde os primeiros anos de vida, as experiências sensoriais e motoras constituem a base para a organização do pensamento e para a elaboração de representações acerca do mundo. Segundo Zaia (2008), essa construção do real tem início no período sensório-motor e se prolonga ao longo das etapas subsequentes, envolvendo tanto a organização das ações da criança quanto a elaboração de representações das relações estabelecidas com a realidade. Nesse processo, o conhecimento não é transmitido de forma passiva, mas construído pelo próprio sujeito a partir de suas ações, experiências e interações com o ambiente.

Como afirma Zaia (2008, p. 75),

[...] A construção do real na criança tem início no período sensório motor e se estende ao longo de outros períodos do desenvolvimento, passando por etapas de organização, representação das relações estabelecidas sobre a realidade e organização das representações efetivadas.

Para que esse processo ocorra de forma eficaz, é essencial que a criança tenha oportunidades de agir sobre o ambiente, aplicando seus esquemas de ação aos objetos e situações que a cercam. A impossibilidade de explorar e interagir com o meio pode acarretar dificuldades na construção das noções de tempo, espaço e causalidade, comprometendo, inclusive, o desenvolvimento da linguagem, elemento central na socialização e na formação do pensamento.

Nesse sentido, Zaia (2008, p. 75) ressalta que:

[...] Para tanto, as crianças precisam agir sobre o meio, isto é, aplicar seus esquemas de ação aos objetos que a rodeiam. Se forem impedidas de agir, não poderão chegar a conhecer as regularidades da natureza, a construir a noção de tempo, espaço e causalidade, e permanecerão desconhecendo os limites de suas próprias ações. Em consequência, sua representação do mundo tornar-se-á caótica, o que retarda a aquisição da linguagem. A falha na compreensão e produção da língua materna, por sua vez, impedirá a comunicação, agravando a situação.

A autora também evidencia que a ação da criança sobre o meio não se dá de forma aleatória, porém ocorre por meio de atividades estruturadas, como os jogos de exercício, os jogos simbólicos e os jogos de regras, que desempenham papel central na consolidação dos esquemas cognitivos. Essas atividades lúdicas favorecem não apenas a exploração e a repetição de ações, no entanto sua transformação, permitindo que a criança desenvolva estruturas mentais mais complexas, essenciais para o avanço do raciocínio e da imaginação. O brincar, portanto, assume um papel estruturante no desenvolvimento cognitivo e na construção de significados sobre a realidade.

Ainda segundo Zaia (2008, p. 76):

[...] Depois de organizar o real no plano da inteligência prática, a criança começa a reconstruir essas relações em um novo plano – o da representação. Ela constrói a imagem mental dos objetos e das situações, passa a imitar na ausência do modelo, brinca de faz-de-conta (jogo simbólico), começa a falar e a desenhar. Pode, então, representar objetos, pessoas, situações, relações estabelecidas em seu meio próximo. O ponto de partida dessas representações é a própria ação da criança sobre o meio, pois ela representa o que experimenta, os objetos sobre os quais age, as pessoas com as quais se relaciona.

Nas fases iniciais da infância, observa-se como a criança se adapta e constrói conhecimento em relação ao novo mundo externo. Esse desenvolvimento não ocorre isoladamente, mas é profundamente influenciado pelas interações sociais. Tal perspectiva fundamenta os estudos de Vygotsky (1991), que concebe o desenvolvimento humano e a construção de sua própria história por meio da mediação do ambiente social, sendo a linguagem o principal instrumento dessa mediação. Assim, o desenvolvimento cognitivo é compreendido como resultado de um processo histórico e social, mediado culturalmente.

De acordo com Vygotsky (1991), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores depende das interações sociais e da mediação da linguagem. A criança aprende por meio da relação com outros indivíduos, adultos ou colegas, em atividades compartilhadas e culturalmente organizadas, o que reforça que a cognição é mediada socialmente. O autor afirma:

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos. (Vygotsky, 1991, p. 20)

Essa perspectiva demonstra que o desenvolvimento cognitivo infantil não é isolado, nem apenas biológico, mas está intrinsecamente relacionado à interação com o mundo, utilizando a linguagem como mediadora das ações, pensamentos e aprendizagens. Dessa maneira, o contexto social assume papel determinante na formação das funções psicológicas superiores.

A partir dessa visão, compreende-se que o desenvolvimento cerebral da criança, desde a gestação, depende das interações afetivas e cognitivas com o ambiente e os cuidadores, a exemplo do carinho e da escuta de histórias. O cérebro não nasce pronto; ele inicia sua construção no período fetal e continua crescendo rapidamente nos primeiros anos de vida. Quanto mais interações positivas a criança vivencia, mais pleno será seu desenvolvimento. Essas evidências reforçam a importância de ambientes ricos em estímulos afetivos, linguísticos e sociais.

“O cérebro é construído de forma progressiva, de baixo para cima: primeiro surgem as funções sensoriais e perceptivas, depois a linguagem e, finalmente, as funções cognitivas superiores” (Facci & Tavares, 2024, p. 146). Essas funções cognitivas superiores correspondem a processos mentais mais complexos, como atenção voluntária, memória, pensamento, raciocínio, planejamento, resolução de problemas e autorregulação do comportamento. Essa trajetória reforça que o desenvolvimento cognitivo é um processo ativo, influenciado por múltiplas experiências, interações e mediações culturais. Qualquer prática que restrinja essas experiências pode comprometer etapas fundamentais desse desenvolvimento.

Diante disso, o papel do professor na Educação Infantil torna-se essencial. Facci e Tavares (2024) enfatizam que o educador deve compreender profundamente os processos de desenvolvimento humano, superando concepções reducionistas que limitam a criança à maturação biológica. O trabalho pedagógico deve ser intencional e planejado, considerando a

atividade como elemento central para a formação das funções psicológicas superiores e para a constituição da subjetividade infantil. Assim, o professor atua como mediador ativo, promovendo experiências que potencializam o desenvolvimento integral, e não como observador passivo. Essa mediação pedagógica torna-se ainda mais relevante diante dos desafios impostos pelas tecnologias digitais na infância.

Nos últimos anos, o mercado passou a oferecer uma variedade de mídias voltadas para bebês e crianças pequenas, como programas de televisão para crianças de 12 meses, jogos de computador com teclado adaptado para bebês de 9 meses e DVDs educativos destinados a recém-nascidos. Embora essas ferramentas sejam comercialmente atrativas e muitas vezes apresentadas como recursos pedagógicos, é fundamental analisar seus efeitos reais sobre o desenvolvimento cognitivo infantil, especialmente em continuidade ao que se observa na interação direta da criança com o meio.

Especialistas como Papalia, Feldman e Martorell (2013) alertam que a exposição precoce à mídia pode comprometer o desenvolvimento cognitivo e emocional, uma vez que reduz significativamente o tempo de interação direta com os cuidadores, que é essencial para a construção de esquemas mentais, da linguagem e das habilidades socioemocionais. Assim, levanta-se a necessidade de problematizar o uso indiscriminado dessas mídias no cotidiano infantil.

O desenvolvimento saudável nessa fase depende prioritariamente de estímulos afetivos, da linguagem oral e de experiências sensoriais concretas, elementos que não podem ser plenamente substituídos por dispositivos tecnológicos. Nesse sentido, o Comitê de Educação Pública da Academia Americana de Pediatria (AAP, 2001) recomenda que menores de 2 anos sejam desestimulados a assistir telas, sugerindo, em alternativa, atividades que promovam o desenvolvimento cerebral por meio da interação real, como brincar, cantar, conversar e ler com os pais. Essas orientações dialogam diretamente com os pressupostos teóricos do desenvolvimento cognitivo infantil.

Uma pesquisa realizada por Rideout, Vandewater e Wartella (2003) revelou que crianças com menos de 2 anos passavam o dobro do tempo assistindo televisão em comparação ao tempo dedicado à leitura. Além disso, essas crianças que passavam mais tempo diante das telas apresentavam dificuldades significativas na aprendizagem da leitura aos 6 anos, evidenciando como o excesso de mídia pode interferir diretamente em habilidades cognitivas fundamentais, como linguagem, alfabetização e compreensão simbólica, que são desenvolvidas preferencialmente através da ação e da interação com o meio. (American

Academy of Pediatrics Committee on Public Education, 2001, apud Papalia, Feldman & Martorell, 2013, p. 186). Esses dados reforçam a necessidade de cautela na introdução precoce das telas na infância.

Como relatam Papalia, Feldman e Martorell (2013), o ser humano está em constante transformação, e compreender esse processo de maneira saudável é essencial em todas as fases da vida, especialmente na infância, quando se consolidam as bases cognitivas, emocionais e sociais. As autoras destacam que é necessário criar oportunidades para que a criança cresça de forma integral, desenvolvendo habilidades, valores e competências que permitam compreender desafios, interagir de forma eficaz com outras crianças e construir representações do mundo a partir de experiências reais e significativas. Nesse sentido, a qualidade das experiências vivenciadas na infância é determinante para o desenvolvimento futuro.

Assim, a reflexão sobre o uso de mídias digitais na infância deve ser feita à luz dos princípios do desenvolvimento cognitivo, enfatizando que a ação sobre o ambiente, a mediação social e a exploração concreta dos objetos e relações são insubstituíveis para a construção de conhecimento e para a formação de indivíduos críticos e socialmente competentes. Essa compreensão fundamenta as discussões que serão aprofundadas nas seções seguintes.

2.3 Impactos das telas no comportamento infantil e no processo de aprendizagem

A exposição frequente às telas tem gerado impactos significativos no comportamento infantil, especialmente no que diz respeito à atenção, ao desenvolvimento da linguagem e à capacidade de estabelecer vínculos sociais. Estudos recentes indicam que o uso excessivo de dispositivos eletrônicos na infância está associado a prejuízos no desenvolvimento neuropsicomotor, atraso na aquisição da linguagem, alterações na qualidade do sono e comprometimentos na cognição (Tiveron et al., 2024). Esses fatores podem comprometer diretamente o processo de aprendizagem, uma vez que a criança em idade pré-escolar necessita de experiências interativas, motoras e simbólicas para o desenvolvimento de suas funções cognitivas.

Nesse sentido, o uso abusivo de telas pode interferir negativamente na socialização, no comportamento e no desenvolvimento emocional das crianças, reforçando a importância da regulação e da mediação adulta (Tiveron et al., 2024). Assim, a aprendizagem infantil não pode ser compreendida de forma dissociada das condições emocionais, sociais e ambientais nas quais a criança está inserida.

Além disso, o contato reduzido com brincadeiras tradicionais e interações presenciais pode prejudicar a construção do pensamento criativo, a resolução de problemas e a regulação emocional. Nesse sentido, “a luz de LED, emitida pelos dispositivos eletrônicos, prejudica o sono das crianças ao deixá-las mais alertas; estudos já comprovaram a redução de melatonina, o hormônio do sono, em indivíduos superexpostos, o que traz implicações para o crescimento e desenvolvimento infantil” (Santana; Ruas; Queiroz, 2021, p. 176). A privação ou a fragmentação do sono afeta diretamente a consolidação da memória, a atenção sustentada e o equilíbrio emocional.

Assim, torna-se urgente discutir a qualidade do tempo que as crianças passam diante das telas e promover alternativas que priorizem experiências significativas e humanizadoras. Segundo Freitas et al. (2025), “A exposição prolongada a dispositivos eletrônicos pode comprometer esse desenvolvimento, resultando em atrasos na linguagem, dificuldades de atenção e problemas comportamentais, além de limitar a capacidade de concentração e memória”. Esses achados reforçam que não é a presença da tecnologia, mas o modo, o tempo e o contexto de uso que determinam seus efeitos no desenvolvimento infantil.

Essa observação reforça a importância de uma abordagem crítica e consciente em relação ao uso das tecnologias na primeira infância. Não se trata de demonizar os dispositivos digitais, mas de compreender que o desenvolvimento infantil exige estímulos que favoreçam o vínculo afetivo, a ludicidade e a diversidade de experiências sensoriais e sociais. Como destacam os autores, “a automação idealizada tira a autonomia e faz com que as crianças percam a capacidade de criar, inventar e imaginar, fazendo-as se esquivar do outro” (Santana; Ruas; Queiroz, 2021, p. 176) Tal constatação aponta para o risco de empobrecimento das vivências infantis quando a tecnologia substitui, e não complementa, as interações humanas.

O contato com as mídias ocorre frequentemente de forma espontânea, principalmente no ambiente familiar, o que influencia diretamente a maneira como a criança percebe, interage e constrói o conhecimento sobre o mundo, afetando o processo cognitivo, sociais e emocionais. Essa inserção precoce e, muitas vezes, não mediada evidencia a necessidade urgente de orientação às famílias sobre o uso consciente das telas digitais.

Nesse sentido, tanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) não proíbem o uso de telas por crianças pequenas, mas recomendam que ele ocorra com equilíbrio e mediação adequada. Embora as mídias digitais apresentem potenciais educativos, seu uso requer atenção à faixa etária e à supervisão adulta, uma vez que a simples disponibilização de conteúdos tecnológicos não garante aprendizado

efetivo nem desenvolvimento saudável. Assim, a reflexão sobre tecnologias e primeira infância deve considerar que as práticas de interação, o acompanhamento do responsável e a intencionalidade pedagógica são elementos centrais para que o uso das telas seja construtivo. A mediação, portanto, emerge como princípio fundamental no uso pedagógico das tecnologias na infância.

Essa discussão se insere no contexto da cibercultura, em que, conforme Lemos, as práticas sociais, afetivas e pedagógicas são atravessadas por múltiplas linguagens tecnológicas. “[...] A cibercultura forma-se, precisamente, da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos”. (Lemos, 2002, p. 94).

Desse modo, a tecnologia não pode ser analisada de forma isolada, mas integrada às dinâmicas culturais e sociais contemporâneas. Portanto, compreender os efeitos das tecnologias desde os primeiros anos de vida torna-se imprescindível para que educadores possam orientar famílias, propor intervenções pedagógicas adequadas e garantir que o uso das telas contribua de maneira positiva para o desenvolvimento infantil. Essa compreensão fortalece o papel social da escola na formação crítica para o uso das tecnologias.

Nesta direção, Taborda (2019) destaca que o acesso à tecnologia por parte das crianças possibilita a ampliação de conhecimentos, o despertar da curiosidade e o contato com o universo virtual, do qual já fazem parte. Essa perspectiva amplia o entendimento sobre o papel das mídias na infância, evidenciando que, quando utilizadas de forma equilibrada, podem contribuir para a exploração cognitiva e para a construção ativa do conhecimento. Tal abordagem reconhece o potencial educativo das tecnologias sem desconsiderar os riscos associados ao uso excessivo.

A autora também afirma que, apesar dos prejuízos decorrentes do uso excessivo, a utilização moderada das tecnologias pode exercer influência positiva no processo educativo, oferecendo benefícios para o ensino e a aprendizagem (Taborda, 2019). Assim, a presença de recursos digitais pode favorecer processos pedagógicos ao complementar práticas educativas, estimular a criatividade e promover novas formas de interação. O uso pedagógico, portanto, requer planejamento, intencionalidade e adequação às necessidades do desenvolvimento infantil.

Taborda (2019) reforça que as tecnologias “despertam a curiosidade” e podem atuar como estímulo ao desenvolvimento, desde que mediadas por adultos e inseridas em propostas pedagógicas significativas, apontando que seu uso não deve ser demonizado, mas

compreendido dentro de limites e orientações adequadas. Essa perspectiva dialoga com a proposta de uma educação que integra o digital de forma crítica e responsável.

A partir dessa perspectiva, é fundamental analisar os impactos concretos do uso de telas na primeira infância, avaliando como o tempo excessivo diante de dispositivos digitais pode influenciar habilidades essenciais, como atenção, linguagem, vínculo social e aprendizagem. Estudos recentes indicam que a mediação adequada e a limitação do tempo de tela são estratégias centrais para minimizar efeitos negativos, permitindo que as tecnologias sejam instrumentos complementares ao desenvolvimento, e não fatores de substituição da interação e da exploração real do ambiente. Essa análise reforça a necessidade de equilíbrio entre o mundo digital e as experiências concretas da infância.

Em termos neurológicos e cognitivos, o uso constante de mídias digitais levanta questões importantes. Anderson e Pempek (2005) apontam que já há evidências de que mídias de fundo, como televisores ligados em segundo plano, interferem na concentração de crianças pequenas durante brincadeiras, embora ainda sejam necessários mais estudos para compreender plenamente os efeitos em bebês e crianças de até 3 anos. Além disso, o tempo excessivo dedicado à mídia pode substituir atividades exploratórias e reduzir a interação familiar, elementos essenciais para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional. A substituição dessas experiências compromete a construção das funções psicológicas superiores.

Além disso, a mídia torna-se uma referência primária para as crianças, influenciando suas crenças sobre comportamento social e normas culturais. De acordo com Papalia et al. (2013), as imagens e personagens que utilizam violência ou comportamentos agressivos podem desestabilizar os pequenos, levando-os a considerar a agressão como uma forma aceitável de resolver conflitos. Huesmann e Kirwil (2007, apud Papalia et al., 2013, p. 373) destacam que a exposição repetida a conteúdos violentos reduz a intensidade das reações negativas, moldando a percepção da criança sobre o uso da força na resolução de problemas. Esses efeitos evidenciam a necessidade de atenção rigorosa à qualidade dos conteúdos acessados pelas crianças.

Dessa forma, é possível observar que o impacto das tecnologias na primeira infância não se limita apenas à cognição, mas abrange aspectos emocionais, comportamentais e sociais. Segundo Papalia et al. (2013), a presença de televisores nos quartos, a utilização frequente de videogames e o consumo passivo de conteúdos digitais podem interferir no sono, gerar fadiga ocular, comprometer habilidades de atenção e limitar a construção de

experiências exploratórias essenciais. Esses fatores, quando combinados, podem intensificar prejuízos ao desenvolvimento integral da criança.

Por isso, a mediação qualificada de adultos, aliada ao estabelecimento de limites claros para o tempo de tela, é essencial para assegurar que a tecnologia esteja a serviço do crescimento saudável das crianças e não como um obstáculo ao seu pleno desenvolvimento. “O tempo de uso diário ou a duração total/dia do uso de tecnologia digital deve ser limitado e proporcional às idades e às etapas do desenvolvimento cerebral-mental-cognitivo-psicossocial das crianças e adolescentes” (Santana; Ruas; Queiroz, 2021, p. 175) Essa orientação reforça a responsabilidade compartilhada entre família e escola.

Dessa forma, torna-se imprescindível que pais, educadores e formuladores de políticas públicas atuem de maneira integrada na construção de uma cultura digital mais equilibrada e humanizadora para a infância. Considerando os possíveis efeitos do uso precoce e prolongado das telas no desenvolvimento das crianças, torna-se indispensável refletir sobre o papel da escola e, especialmente, dos professores da Educação Infantil.

A seção seguinte trata das responsabilidades da instituição escolar na mediação do uso das tecnologias e nas práticas pedagógicas que conciliam o digital com o desenvolvimento integral da criança. Essa articulação evidencia o compromisso da Educação Infantil com a formação integral e crítica das crianças. Essa articulação evidencia o compromisso da Educação Infantil com a formação integral e crítica das crianças frente às tecnologias contemporâneas.

3. SEÇÃO 3 - PAPEL DA ESCOLA E DOS PROFESSORES DIANTE DAS TECNOLOGIAS

Esta seção discute o papel da escola e dos professores diante da presença crescente das tecnologias digitais no cotidiano da infância, analisando como esses recursos podem ser integrados ao processo educativo de forma consciente e equilibrada, com base na própria opinião dos professores respondentes da pesquisa realizada. Diante desse cenário, a instituição escolar e seus profissionais desempenham um papel fundamental na mediação do uso das telas. A instituição escolar tem a responsabilidade de orientar as famílias e propor estratégias pedagógicas que integrem o uso consciente das tecnologias, sem comprometer as interações presenciais e as atividades que favorecem o desenvolvimento integral da criança.

O professor da Educação Infantil, enquanto mediador do conhecimento, precisa estar preparado para lidar com os desafios da cultura digital, promovendo experiências que

associam os recursos tecnológicos aos objetivos educativos. Assim, a escola se configura como um espaço de equilíbrio, onde o digital não substitui o humano, mas é incorporado como uma ferramenta complementar ao processo ensino-aprendizagem.

No período da pandemia de COVID-19, por exemplo, foi necessário que as escolas se adaptassem rapidamente ao ecossistema digital para dar continuidade às atividades pedagógicas e mitigar prejuízos ao aprendizado infantil. Nesse processo, as famílias também precisaram se reinventar para acompanhar a rotina das aulas remotas. Esse contexto ilustra como o uso da tecnologia, quando direcionado a fins educativos, pode alcançar indivíduos em diferentes localidades e gerar impactos positivos. Conforme apontam Medeiros, Lima e Galvão (2025, p. 5).

Ou seja, o uso de telas voltadas para atividades educacionais, tendo como finalidade motivar a criança à ação, desenvolvendo habilidades cognitivas, promovendo aprendizagens sociais e intelectuais, são importantes para equilibrar o uso e evitar danos maiores.

O acesso crescente à tecnologia está cada vez mais presente na rotina dos professores, tanto como ferramenta de uso pessoal quanto no ambiente de trabalho. Contudo, a principal preocupação reside no uso excessivo e inadequado desses recursos, o qual pode trazer malefícios severos ao desenvolvimento na primeira infância. Diante disso, faz-se necessário problematizar essas consequências no ambiente escolar, promovendo a conscientização das próprias crianças sobre os riscos associados ao uso incorreto dos dispositivos digitais. Sobre essa necessidade de orientação precoce.

Educar as crianças sobre uso responsável da tecnologia, assim como segurança online, é vital. Isso inclui conscientizá-las sobre os perigos online e importância de atitudes saudáveis no ambiente digital. Contudo, por meio da implementação de estratégias eficazes aliada a uma abordagem equilibrada, é possível minimizar os impactos adversos aproveitando-se dos benefícios proporcionados pela tecnologia. É dever dos pais, educadores e sociedade em geral garantir um ambiente saudável e propício ao pleno desenvolvimento infantil”. (Santos, Canal e Silva (2023, p. 6)

A atuação docente como intermediador no processo de integração tecnológica na Educação Infantil constitui-se como elemento nuclear para assegurar uma incorporação efetiva e proveitosa destes recursos no processo de ensino-aprendizagem. (Souza et al., 2024, p. 5). Nesse sentido, “o professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante” (Moran, 2009, p. 13).

Essa afirmação reforça que o papel do professor vai além da operação técnica das ferramentas digitais, abrangendo um olhar atento ao desenvolvimento infantil e à criação de ambientes de aprendizagem significativos. Afinal, “não basta introduzir na escola o vídeo, televisão, computador ou mesmo todos os recursos multimidiáticos para fazer uma nova educação. É necessário repensá-la em outros tempos” (Pretto, 1996, p. 112).

A escola, portanto, deve oferecer suporte formativo contínuo para que os educadores possam atuar com segurança, sensibilidade e criticidade diante das demandas da cultura digital, garantindo que as tecnologias estejam a serviço da infância e não o contrário. Como bem sintetiza Valente (1997, p.20). “a tecnologia facilita a transmissão da informação, mas o papel do professor continua sendo fundamental na escolha e correta utilização”.

Diante do exposto, observa-se que o desenvolvimento infantil, em suas dimensões cognitivas, emocionais e sociais, demanda experiências que articulem interação, ludicidade e mediação qualificada por parte dos adultos. A literatura revisada evidencia que, embora as tecnologias digitais possam se configurar como recursos pedagógicos relevantes, seu uso sem critérios claros pode comprometer processos fundamentais, como a aquisição da linguagem, a atenção e a sociabilidade das crianças.

Assim, destaca-se o papel central da família e da escola como instâncias coparticipantes e responsáveis por orientar e equilibrar a presença das telas no cotidiano infantil. Cabe aos professores e às instituições de ensino a tarefa de integrar o digital de forma crítica e consciente, assegurando que este seja um aliado e não um obstáculo para o crescimento integral da criança. A fundamentação apresentada sustenta a relevância desta pesquisa, ao apontar para a necessidade de práticas educativas voltadas a uma cultura digital mais equilibrada e humanizadora.

A partir dessas reflexões teóricas, torna-se necessário avançar para a dimensão prática da investigação, buscando compreender de que maneira esses referenciais teóricos se manifestam no contexto empírico. A subseção seguinte apresenta os procedimentos metodológicos adotados, explicitando os caminhos escolhidos para a coleta e análise dos dados, de modo a garantir consistência científica e coerência com os objetivos estabelecidos neste estudo.

3.1 A tecnologia na perspectiva dos professores de Educação Infantil

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando um questionário aplicado por meio da plataforma *Google Forms*, contendo 10 perguntas, sendo 8 objetivas e 2 subjetivas, o qual foi enviado via aplicativo *WhatsApp* aos participantes. Durante todo o

processo de investigação, a pesquisadora manteve-se à disposição das professoras, respeitando os princípios éticos da pesquisa, assegurando a privacidade e o sigilo das informações fornecidas.

A coleta de dados foi desenvolvida em uma escola municipal localizada em Porto Franco–MA, contando com a participação do total de 10 professoras, que atuam em diferentes turmas da Educação Infantil, como Mini Maternal, Maternal II, Jardim I e Jardim II, nos turnos matutino e vespertino. Por questões éticas, referenciadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todos os respondentes, optamos por não mencionar nomes ou mais detalhes da instituição lócus da pesquisa.

A categorização possibilitou a organização, interpretação e discussão dos dados, permitindo relacionar as percepções das professoras com os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa. Ressalta-se que essa categorização refere-se ao método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), o qual consiste em um conjunto de técnicas sistemáticas de análise das comunicações, permitindo a organização dos dados em categorias temáticas para sua posterior interpretação, conforme mencionado na introdução deste trabalho. Para fins de análise, os dados foram organizados nas seguintes categorias: as quais estão sistematizadas, juntamente com suas definições, no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Categorias de análise e suas definições

Categoria 1 – Perfil de atuação docente na Educação Infantil	Faixa etária e nível de atuação das professoras, permitindo contextualizar as práticas pedagógicas e percepções conforme o desenvolvimento infantil.
Categoria 2 – Frequência do uso de telas pelas crianças no contexto familiar	Nível de exposição das crianças às tecnologias digitais fora da escola, segundo a percepção docente e relatos familiares.
Categoria 3 – Impactos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo infantil	Efeitos do uso de telas sobre aspectos cognitivos, especialmente atenção e concentração, no processo de aprendizagem.
Categoria 4 – Percepções docentes sobre os benefícios pedagógicos das tecnologias digitais	Visão dos professores sobre as potencialidades pedagógicas das tecnologias, considerando mediação e intencionalidade.
Categoria 5 – Uso de recursos digitais nas práticas pedagógicas	Formas e finalidades do uso de tecnologias em sala de aula como complemento das atividades educativas.
Categoria 6 – Estratégias pedagógicas para	Ações docentes para integrar o uso das telas

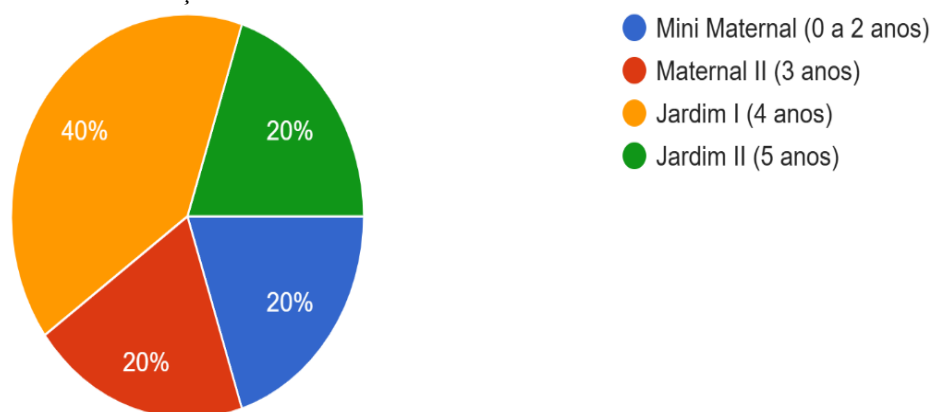
o equilíbrio entre tecnologias e atividades interativas	com práticas lúdicas, concretas e interativas.
Categoria 7 – Efeitos positivos e negativos do uso de telas na infância	Percepção dos impactos benéficos e prejudiciais do uso de telas no desenvolvimento infantil.
Categoria 8 – Relação escola-família e formação docente para o uso de tecnologias	Interação entre escola e família e a formação dos professores para o uso pedagógico das tecnologias.

Fonte: Elaboração da autora

Para compreendermos melhor a temática iniciaremos aqui as questões realizadas durante a pesquisa de campo, com as docentes. A primeira pergunta feita foi: Em qual faixa etária você atua?

O objetivo desta questão foi o de identificar a faixa etária de atuação dos docentes participantes, a fim de contextualizar as respostas apresentadas nas questões subsequentes.

Gráfico 1- Faixa etária de atuação docente



Fonte: questionário aplicado aos entrevistados. 2025

Observa-se, a partir do gráfico, a distribuição dos professores nas diferentes etapas da Educação Infantil, com maior concentração no Jardim I, representando 40% dos respondentes. As demais faixas etárias aparecem de forma equilibrada, cada uma correspondendo a 20% de participação.

Esse dado é relevante, pois evidencia que a pesquisa contempla profissionais que atuam em diferentes momentos do desenvolvimento infantil, o que enriquece a análise dos resultados, uma vez que as demandas pedagógicas, cognitivas e emocionais variam conforme a idade da criança que são Mini Maternal - 2 anos; Maternal - 3 anos; Jardim I - 4 anos e Jardim II - 5 anos. Além disso, a presença significativa de docentes do Jardim I pode indicar

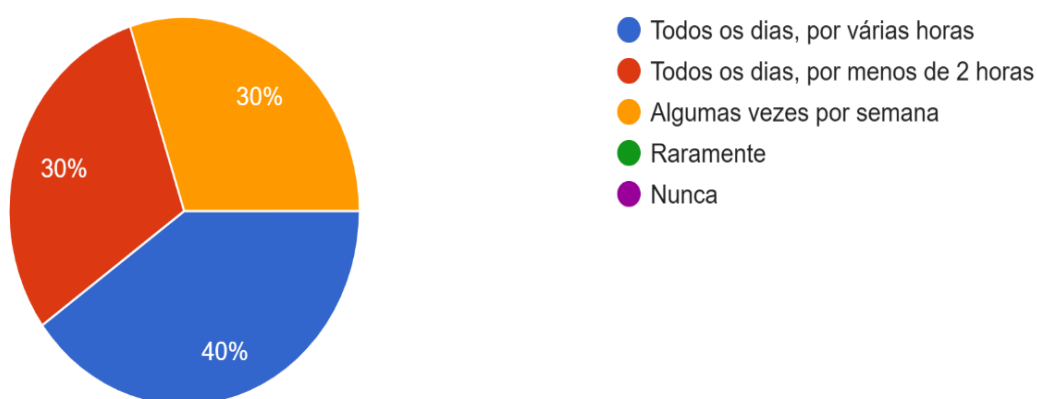
maior envolvimento desses profissionais com a temática do uso de telas, considerando que essa etapa é marcada por importantes avanços no desenvolvimento da linguagem, da atenção e da socialização.

A diversidade das faixas etárias representadas fortalece a validade da pesquisa, uma vez que permite compreender o fenômeno do uso das tecnologias digitais sob múltiplas perspectivas dentro da Educação Infantil, evitando uma análise restrita a apenas uma etapa.

Em seguida, partiu-se para a segunda questão, na busca por compreender a percepção das professoras, a partir de relatos das famílias ou do conhecimento da rotina das crianças fora do ambiente escolar, por meio da pergunta:

“Conforme relatos que você recebe das famílias ou por conhecer de perto a rotina de suas crianças fora da escola, com que frequência elas utilizam telas (celulares, tablets, TV)?”

Gráfico 2- Frequência que as crianças utilizam telas (celulares, tablets, TV), conforme informação docente



Fonte: questionário aplicado aos entrevistados. 2025

Conforme indicado no gráfico, 40% das crianças utilizam telas diariamente por várias horas, o que demonstra uma presença intensa dos dispositivos digitais no cotidiano infantil. Outros 30% fazem uso diário, porém com tempo limitado, enquanto os 30% restantes utilizam telas algumas vezes por semana. Esses dados são de todas as faixas etárias, Mini Maternal - 2 anos; Maternal - 3 anos; Jardim I - 4 anos; Jardim II - 5 anos.

Evidenciam que o contato com telas é uma realidade praticamente universal na infância contemporânea, ainda que com diferentes níveis de intensidade. Tal cenário reflete transformações sociais e culturais, nas quais os dispositivos digitais passaram a ocupar papel central no lazer e na rotina familiar, funcionando, muitas vezes, como recurso de entretenimento, distração ou organização do tempo dos adultos.

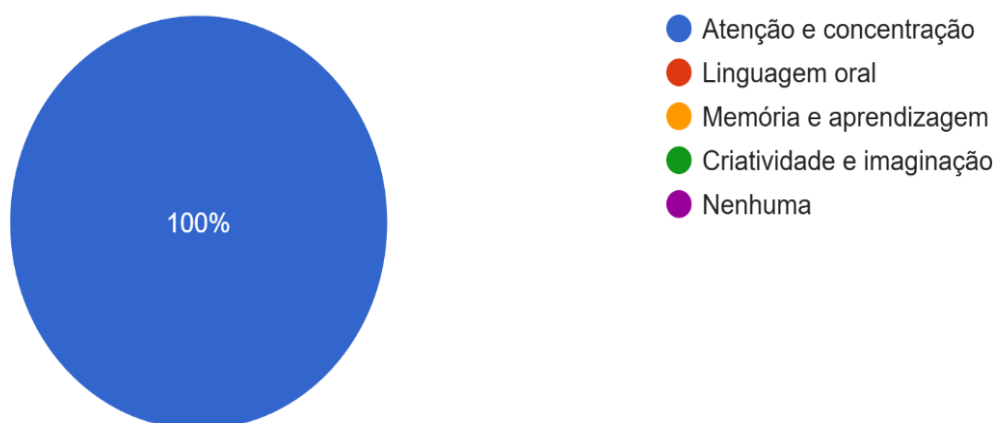
A predominância do uso diário, especialmente por longos períodos, acende um alerta quanto aos possíveis impactos no desenvolvimento infantil, sobretudo no que se refere à atenção, à interação social, ao brincar livre e às experiências corporais, fundamentais nessa fase da vida. Nesse sentido, os dados reforçam a necessidade de orientação contínua às famílias sobre o uso consciente e equilibrado das telas.

Conforme destacam Santos, Canal e Silva (2023, p. 8-9) “[...] a presença de um adulto supervisionando o tempo de tela e o tipo de conteúdo acessado ajuda a prevenir a exposição a materiais inadequados e a estabelecer limites saudáveis para o uso de dispositivos digitais”.

Dessa forma, com orientação e supervisão adequadas por parte dos pais ou responsáveis, os meios tecnológicos podem contribuir positivamente, desde que utilizados de forma correta e dentro de um tempo previamente determinado, favorecendo o desenvolvimento cognitivo das crianças.

A questão seguinte buscou compreender a opinião das professoras sobre os aspectos cognitivos mais afetados pelo uso frequente das telas, a partir da pergunta: “Na sua opinião, quais elementos do aspecto cognitivo o contato frequente com telas afeta mais?”

Gráfico 3- Elementos do aspecto cognitivo que são afetados pelo contato frequente com telas.



Fonte: questionário aplicado aos entrevistados. 2025

A análise do gráfico revela que 100% dos participantes apontaram a atenção e a concentração como os aspectos cognitivos mais afetados pelo uso frequente de telas. Esse dado demonstra um consenso entre os docentes quanto aos impactos do uso excessivo das tecnologias digitais no desenvolvimento cognitivo infantil, especialmente em relação aos aspectos da atenção e concentração.

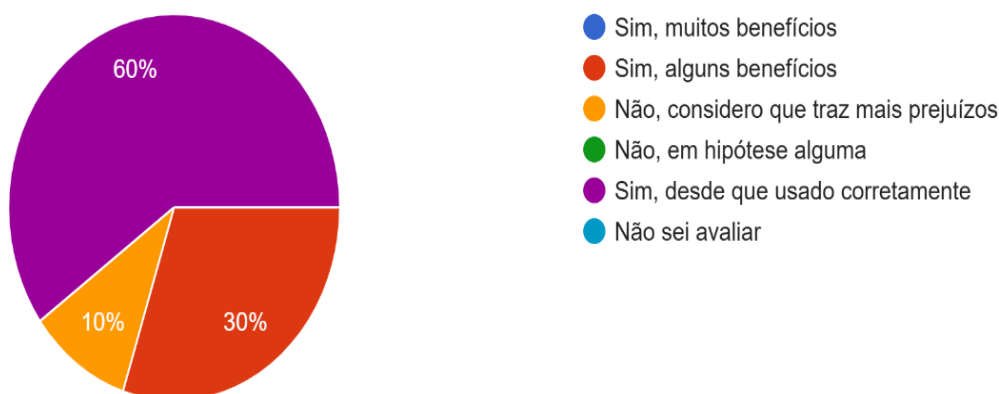
A unanimidade das respostas indica que os professores, a partir de sua prática cotidiana, percebem alterações significativas na capacidade das crianças de manter o foco,

sustentar a atenção e se engajar em atividades que exigem concentração prolongada, como rodas de conversa, escuta de histórias ou brincadeiras dirigidas.

Esse resultado dialoga com alguns estudos da área da educação e da saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS)¹ que apontam que o uso prolongado de telas, especialmente com conteúdos rápidos e altamente estimulantes, pode dificultar o desenvolvimento da autorregulação e da atenção sustentada. Assim, a pesquisa reforça a necessidade de práticas pedagógicas que equilibrem estímulos digitais com experiências concretas, lúdicas e interativas, favorecendo um desenvolvimento cognitivo mais saudável.

Com relação aos benefícios pedagógicos que as telas podem proporcionar, perguntou-se: “Você acredita que o uso de telas pode trazer benefícios pedagógicos?”

Gráfico 4 - Benefícios pedagógicos do uso de telas



Fonte: questionário aplicado aos entrevistados. 2025.

Os dados indicam que 60% dos participantes acreditam que o uso das tecnologias pode trazer benefícios pedagógicos, desde que orientado e bem planejado. Outros 30% reconhecem que as telas podem gerar benefícios em alguma medida, enquanto 10% consideram que o uso tende a trazer mais prejuízos do que vantagens.

Esse resultado demonstra que, embora exista uma visão majoritariamente positiva em relação às tecnologias digitais, há cautela por parte dos docentes, que não enxergam as telas como solução automática para os desafios pedagógicos. A maioria compreende que os benefícios estão diretamente relacionados à intencionalidade pedagógica, ao tipo de conteúdo utilizado e à mediação do professor.

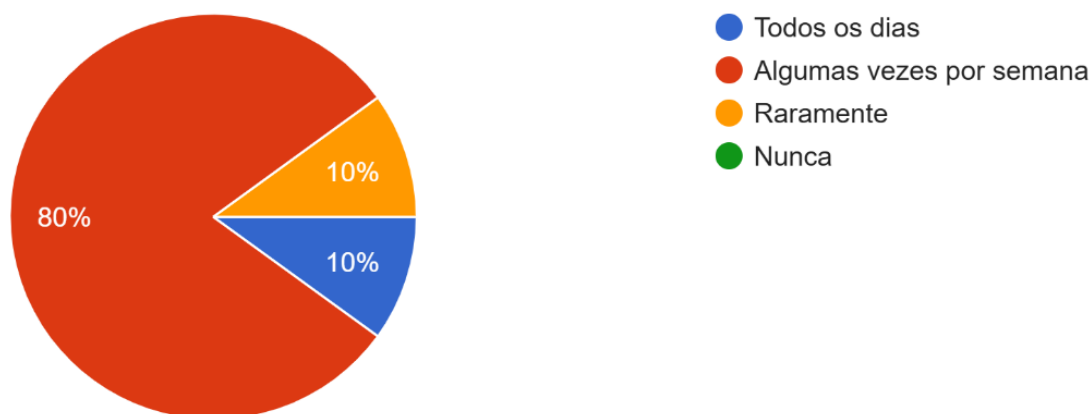
A presença de respostas mais críticas também se mostra significativa, pois revela uma postura reflexiva dos profissionais frente ao uso indiscriminado das tecnologias, indicando

¹ OMS divulga recomendações sobre uso de aparelhos eletrônicos por crianças de até 5 anos. *As Nações Unidas no Brasil*, 26 abr. 2019. Disponível em: *As Nações Unidas no Brasil*. Acesso em: 30 agosto de 2025.

que o debate sobre o uso de telas na Educação Infantil ainda é permeado por tensões entre potencial pedagógico e riscos ao desenvolvimento, exigindo formação continuada e embasamento teórico.

Na sequência, questionou-se: “Com que frequência você utiliza recursos digitais (vídeos, músicas, jogos educativos) em suas práticas pedagógicas?”

Gráfico 5 - Frequência do uso de recursos digitais na prática pedagógica



Fonte: questionário aplicado aos entrevistados. 2025.

Conforme apresentado no gráfico, observa-se que 80% dos participantes relataram utilizar recursos digitais algumas vezes por semana, enquanto 10% afirmaram fazer uso diariamente e outros 10% utilizam raramente. Não houve registros na opção “nunca”, o que demonstra que, mesmo com diferentes níveis de frequência, os recursos digitais estão presentes na prática pedagógica.

Os resultados revelam que, apesar do avanço das tecnologias digitais, elas ainda não estão plenamente integradas ao cotidiano pedagógico, o que pode estar relacionado à ausência de formação docente específica ou à limitação de recursos, como televisão, internet e datashow.

Tal realidade evidencia um possível distanciamento entre as práticas escolares e o contexto digital no qual os alunos estão inseridos, indo de encontro às diretrizes educacionais que defendem a inserção das tecnologias de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem. Cabe ressaltar, contudo, que essa inserção não se refere ao aumento indiscriminado do uso das tecnologias, mas à sua integração pedagógica de forma planejada, crítica e mediada pelo professor.

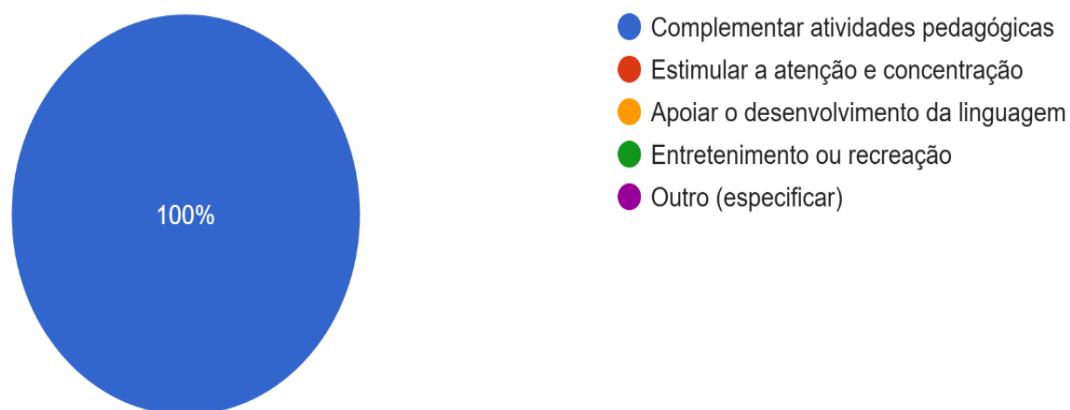
Conforme estabelecido na Competência Geral 5 da BNCC, compreende-se que é necessário:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2018, p. 9).

A BNCC enfatiza, portanto, a responsabilidade do professor em utilizar as tecnologias de maneira crítica e significativa, reconhecendo que tais ferramentas fazem parte do cotidiano das crianças e que o uso de vídeos, músicas e jogos educativos não deve ser apenas complementar, mas integrante da formação infantil, quando bem planejado.

Em seguida, abordou-se a pergunta: Quando você utiliza telas em sala, qual é o principal objetivo?

Gráfico 6- Objetivos do uso de telas em sala de aula



Fonte: questionário aplicado aos entrevistados. 2025.

Os resultados demonstram que 100% dos participantes utilizam as telas com o objetivo de complementar as atividades pedagógicas, evidenciando que o uso das tecnologias não ocorre de forma aleatória ou exclusivamente recreativa, mas está vinculado a objetivos educacionais definidos.

Essa postura indica compromisso pedagógico, planejamento e intencionalidade no uso das tecnologias, sem substituir experiências essenciais da infância, como o brincar, a interação social e o contato com materiais concretos.

Posteriormente, investigou-se: “Que estratégias você adota (ou acredita que deveriam ser adotadas) para equilibrar o uso das tecnologias digitais com outras atividades pedagógicas e interativas na Educação Infantil?”

As falas das professoras revelaram percepções como:

- Acredito que o equilíbrio entre o uso das tecnologias digitais e outras atividades na Educação Infantil deve partir do princípio de que a tecnologia é um recurso complementar, e não o foco central da aprendizagem.
- Escolher recursos digitais que tenham valor pedagógico real, como jogos educativos que estimulem o raciocínio, a linguagem ou a criatividade.

As respostas apresentadas indicam que os docentes estão sempre em busca de equilíbrio, quanto ao uso da tecnologia digital e outras atividades. Tendo sempre a preocupação com o uso complementar de mídia com intencionalidade e que sempre esteja relacionada ao conteúdo.

Esses relatos evidenciam que os docentes compreendem as tecnologias como recursos complementares, que devem ser utilizados com planejamento, intencionalidade pedagógica e coerência com a realidade dos alunos, valorizando atividades que estimulem o raciocínio, a linguagem, a criatividade e o movimento corporal.

Na sequência, perguntou-se: “Na sua experiência como professor(a), quais efeitos você percebe como positivos e negativos do uso de telas pelas crianças em idade pré-escolar?”

As respostas revelaram tanto aspectos positivos quanto negativos, como:

- Usar a tela como ferramenta para ludicidade, para mostrar algo que não é possível de ver de perto, ajuda no aumento de informações, imagens e vocabulários, movimentos corporais. E negativo se usado de forma errada pode trazer estresse, problema de visão, menos interação social etc.
- Efeitos negativos: O uso excessivo de telas pode afetar negativamente o desenvolvimento emocional das crianças, interferindo na capacidade de identificar e expressar emoções de forma adequada.

Positivo: O uso moderado de telas pode ajudar no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Positivos: ampliação do conhecimento, motivação, interesse, ludicidade, acesso a informações, desenvolvimento cognitivo quando usado moderadamente.

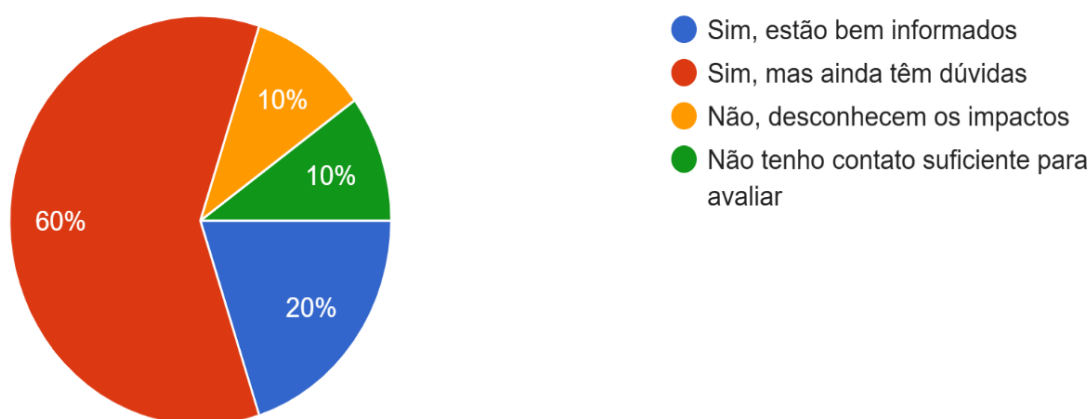
Negativos: uso excessivo, diminuição da atenção, impaciência, sedentarismo, problemas emocionais, menor interação social, estresse e dificuldades de foco.

Os docentes reconhecem o potencial pedagógico das tecnologias, mas também expressam preocupação com seus riscos, reforçando a importância do equilíbrio, da supervisão adulta e do diálogo constante entre escola e família, seguindo assim a perspectiva já apontada por estudiosos como Taborda (2019) que, enfatiza que a tecnologia pode ajudar

no desenvolvimento cognitivo, porém, é preciso ter um certo cuidado e atenção com a quantidade utilizada.

Em relação aos responsáveis, questionou-se: “Na sua percepção, os pais/responsáveis têm consciência dos efeitos do uso de telas no desenvolvimento infantil?”

Gráfico 7- Consciência dos pais ou responsáveis sob os efeitos do uso de telas.



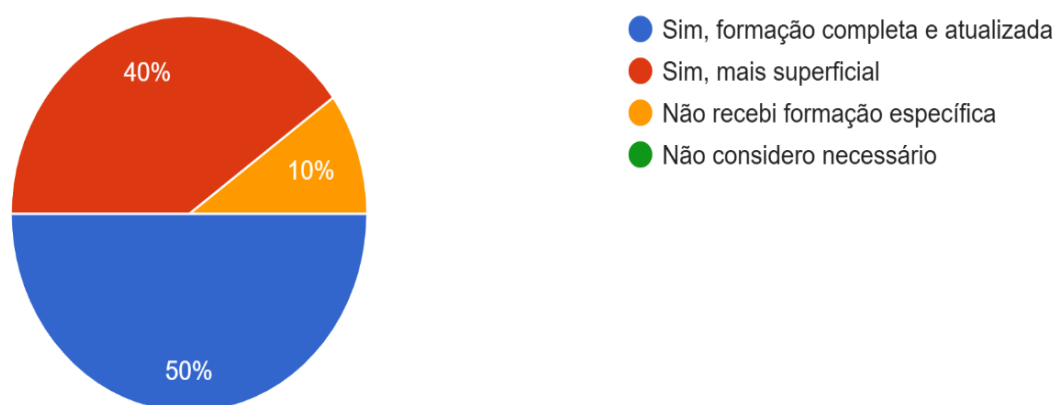
Fonte: questionário aplicado aos entrevistados. 2025.

Os dados indicam que 60% acreditam que os pais possuem alguma consciência, porém ainda apresentam dúvidas; 20% consideram os responsáveis bem-informados; 10% acreditam que desconhecem os impactos e 10% afirmaram não ter contato suficiente para avaliar.

Esses resultados evidenciam a necessidade de fortalecer a parceria entre escola e família, promovendo ações formativas e orientações contínuas sobre o uso saudável das tecnologias.

Por fim, foi perguntado se os professores haviam recebido alguma formação ou orientação sobre o uso de tecnologias na Educação Infantil?

Gráfico 8- Formação docente sobre o uso das tecnologias.



Fonte: questionário aplicado aos entrevistados. 2025.

Os dados apontam que 50% receberam formação completa e atualizada, 40% tiveram apenas formação superficial e 10% não receberam nenhuma formação específica, evidenciando avanços, mas também lacunas significativas na formação docente.

Através do exposto acima, percebemos a complexidade envolvendo a problemática do uso precoce das telas na infância, como isso impacta diretamente no desenvolvimento infantil e como os efeitos são percebidos pelos educadores dentro das salas de aula.

Evidencia-se que a pesquisa contemplou um número significativo de profissionais da educação sendo o total de 10, os 10 conseguiram responder o questionário que são distribuídos pelas distintas fases da educação infantil, apresentando maior concentração no Jardim I.

Levando-se em consideração as rápidas transformações sociais e culturais, especialmente no âmbito tecnológico, notamos, através dos relatos dos professores entrevistados, o uso excessivo de telas por parte das crianças. Direcionando nosso olhar para as possíveis consequências do uso indevido dos aparelhos eletrônicos no desenvolvimento infantil. Sendo recomendado a orientação das famílias para o controle e supervisão das crianças quanto à utilização de tais dispositivos e os conteúdos acessados por eles.

O aspecto cognitivo que é mais comprometido com o uso das telas, identificados pelos professores, são a atenção e concentração, exigindo dos profissionais a elaboração de práticas pedagógicas que estimulem a realização de atividades mais concretas e lúdicas.

Interessante destacar que grande parte dos profissionais reconhecem que quando bem trabalhadas, as tecnologias podem contribuir para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas. No entanto, percebe-se certa cautela dos professores em relação ao emprego delas em sala de aula, apontando o risco em trazer mais prejuízos que benefícios. Relevando certa contrariedade entre o potencial pedagógico e os perigos no atraso do desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Nota-se que apesar das ressalvas, eles a utilizam (ainda que raramente), tendo como finalidade a complementação das atividades pedagógicas. Com isso, percebemos que as tecnologias são aplicadas de forma estratégica e os professores mantêm uma postura comprometida com o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Além de estarem flexíveis para a incorporação de ferramentas mais inovadoras e modernas.

A constatação para o emprego de atividades mais concretas aliadas às novas tecnologias é reforçada ao serem perguntados quais as técnicas aplicadas ou que podem ser adotadas para

facilitar a equiparação entre tarefas mais interativas com os recursos digitais e eles trazem a mesclagem de ambas as esferas. A escolha de recursos digitais que estimulem o raciocínio, linguagem e criatividade. A reprodução de áudios contando histórias, vídeos e imagens, etc.

Por conseguinte, percebe-se que a fala dos professores demonstra que a utilização da tecnologia pode ser uma importante aliada, mas que é preciso equilíbrio na sua forma de uso, para que não reforce aspectos negativos que as pesquisas mostram sobre o excesso de uso das telas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa, voltada à Educação Infantil e ao uso de telas, um estudo acerca da percepção docente sobre seus efeitos no desenvolvimento cognitivo das crianças de 0 a 5 anos, torna-se fundamental retomar os principais aspectos discutidos ao longo do trabalho e reafirmar seu objetivo geral, que consistiu em analisar a percepção dos professores da Educação Infantil acerca dos efeitos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo das crianças dessa faixa etária.

Nesse contexto, retoma-se também a questão-problema que orientou este estudo: como os professores da Educação Infantil percebem os efeitos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo das crianças e como têm utilizado as tecnologias em suas práticas pedagógicas? A partir dos resultados obtidos em campo. Evidenciou-se que os docentes percebem tanto os impactos negativos do uso excessivo das telas, especialmente relacionados à atenção e à concentração das crianças, quanto reconhecem seu potencial pedagógico quando utilizadas de forma planejada, mediada e com intencionalidade, sendo empregadas, principalmente, como complemento às práticas pedagógicas.

A fundamentação teórica evidenciou que o desenvolvimento cognitivo infantil ocorre de maneira ativa e mediada, sendo resultado das interações da criança com o meio, com os outros e com a linguagem, conforme postulam autores como Vygotsky (1991), e Zaia (2008). Destacou-se, ainda, que experiências como o brincar, a exploração do ambiente, o faz de conta e a mediação qualificada de adultos são essenciais para a construção das funções psicológicas superiores. Nesse contexto, a literatura analisada alerta que o uso precoce e excessivo de telas pode comprometer tais experiências, sobretudo quando substitui interações presenciais, atividades lúdicas e vivências sensoriais fundamentais à infância.

Os dados obtidos na pesquisa de campo corroboram os referenciais teóricos discutidos, evidenciando que o uso de telas é uma realidade presente no cotidiano dos alunos

da Educação Infantil, muitas vezes ocorrendo de forma frequente e prolongada. Observou-se um consenso entre os professores participantes quanto aos prejuízos causados pelo excesso de estímulos digitais no comportamento infantil. Por outro lado, os docentes reconhecem que, sob mediação e planejamento, as tecnologias digitais podem assumir um papel enriquecedor no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para a motivação, a ludicidade e o acesso a novos conhecimentos de forma contextualizada.

Outro aspecto relevante identificado refere-se à necessidade de formação continuada dos professores e ao fortalecimento da parceria entre escola e família. Os resultados indicam que, embora parte dos docentes tenha recebido algum tipo de instrução sobre o uso das tecnologias na Educação Infantil, ainda persistem lacunas que dificultam uma integração mais crítica e consciente desses recursos no cotidiano escolar. Além disso, os professores demonstraram preocupação quanto ao nível de conscientização das famílias acerca dos efeitos do uso de telas no desenvolvimento infantil, evidenciando a importância de ações educativas e orientações conjuntas.

Diante dos achados, conclui-se que o uso das tecnologias digitais na primeira infância não deve ser compreendido de forma extremista, seja pela proibição total, seja pelo uso indiscriminado. O verdadeiro desafio consiste em promover um uso equilibrado, consciente e mediado, no qual as telas estejam a serviço do desenvolvimento infantil, sem substituir experiências essenciais, como o brincar, a interação social e a exploração concreta do ambiente. Nesse processo, o papel da escola e, especialmente, do professor mostra-se central, atuando tanto na mediação pedagógica interna quanto na conscientização externa junto às famílias.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para reflexões no campo da Educação Infantil, subsidiando práticas pedagógicas mais conscientes e fundamentadas em relação ao uso das tecnologias digitais na infância. Ressalta-se a importância de novas investigações sobre o tema, bem como do fortalecimento de políticas de formação docente e de ações educativas direcionadas às famílias, a fim de garantir que o desenvolvimento das crianças ocorra de forma integral, crítica e alinhada às necessidades reais da infância contemporânea.

5. REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Isabella Francisca Monteiro de et al. O impacto da exposição a telas no desenvolvimento infantil: evidências e recomendações práticas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 11, p. 3938–3949, 2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE OTORRINOPEDIATRIA (ABOPe). **Recomendação sobre o uso de telas na infância**. São Paulo: ABOPe, 2021. Disponível em: <https://www.abope.org.br/>. Acesso em: 11 maio 2025.
- ANDERSON, D. R.; PEMPEK, T. A. Television and very young children. **American Behavioral Scientist**, v. 48, n. 5, p. 505-522, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018.
- FACCI, Marília; TAVARES, Mariana Lustosa. Educação Infantil e Psicologia Histórico-Cultural: notas para pensar a formação do educador e o desenvolvimento da criança. In: ROSA, Denise et al. (org.). **Psicologia histórico-cultural e os processos de escolarização e humanização**. Maringá: EDUEM, 2024. p. 23-40.
- FREITAS, Nívia Larice Rodrigues de et al. **O impacto do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo e comportamental infantil**. Journal of Social Issues and Health Sciences, Teresina, v. 2, n. 1, p. 1–14, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.14622469.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- KIRKORIAN, H. L.; PEMPEK, T. A.; MURPHY, L. A.; SCHMIDT, M. E.; ANDERSON, D. R. The impact of background television on parent-child interaction. **Child Development**, v. 80, n. 5, p. 1350-1359, 2009.
- MATTOSO Rafael. **Tecnologia X sedentarismo**. Salada Textual, 2010. Disponível em: <https://saladatextual.wordpress.com/2010/04/04/tecnologia-x-sedentarismo/>. acesso em: 18 abril 2025.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 16. ed. Campinas: Papirus, 2009.
- MEDEIROS, Ana Tereza Mariz de; LIMA, Hanna Moab Dantas de; GALVÃO, Cauê Almeida. O uso de telas na infância e seus impactos no desenvolvimento infantil. Revista Saberes, v. 25, n. 01, jan. 2025. Disponível em: www.periodicos.ufrn.br/saberes. Acesso em: 13 out. 2025.
- OLIVEIRA, Debora Moreira de et al. O uso excessivo de tecnologias digitais e seus impactos nas competências socioemocionais de adolescentes. Revista Contemporânea, v. 4, n. 12, p. 01-27, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N12-041.
- PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano** [recurso eletrônico]. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

DE PAIVA, Daniel Costa; ALVES, Hugo Verly. **Evolução tecnológica e as diferentes gerações**. *Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science*, São Paulo, v. 6, n. 1, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** [recurso eletrônico]. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PRETTO, Nelson de Luca. Uma escola sem/com futuro. Campinas: Papirus, 1996.

REIS, Gabriel Silva; CANTANHEDE, Ellen Cristina Silva; LISBOA, Pryscilla Nunes; PEIXOTO, Thalyanne Sousa; MOUZINHO, Leandro Saldanha Nunes. **Impactos do uso de telas em crianças de 0 a 6 anos: revisão integrativa**. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, v. 4, n. 4, 2023.

SANTANA, M. I.; RUAS, M. A.; QUEIROZ, P. H. B. **O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil**. *Revista Saúde em Foco*, n. 14, p. 169-179, 2021.

SILVA, Flávia Daniely de Oliveira. **O professor frente às novas tecnologias e as implicações no trabalho docente**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2016.

SOUZA, Ana Paula de et al. **A educação infantil no século XXI: o papel dos professores na mediação do uso da tecnologia pelas crianças**. *Revista Aracê*, São José dos Pinhais, v. 6, n. 3, p. 5800–5815, 2024. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev6n3-091>.

SANTOS, Maria Souza dos; CANAL, Sandra; SILVA, Karla Fernanda Wunder da. **O impacto das telas na infância: benefícios e desafios**. Porto Alegre: PUCRS, 2023.

SANTOS, Maria Souza dos; CANAL, Sandra; SILVA, Karla Fernanda Wunder da. **O impacto das telas na infância: benefícios e desafios**. Porto Alegre: PUCRS, 2023.

SOUSA, Robson Pequeno de; MOITA, Filomena da M. C. da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (org.). *Tecnologias digitais na educação*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). *Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital*. Manual de Orientação. Departamento de Adolescência. n.1, out. de 2016. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient___MenosTelas___MaisSaude.pdf. Acesso: 20 mai. 2024.

SOUZA, Aurea Celeste Pires de; ALCARÁ, Adriana Rosecler. **Competência em informação e as diferentes gerações**. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 1-20, 2021.

TABORDA, Lorena dos Santos. A influência da tecnologia no desenvolvimento da criança. *Revista Uningá Review*, Maringá, v. —, n. —, p. —, ano não informado. ISSN 2178-2571.

TIVERON, Eduardo Mendonça; KASPARY, Bruna; LACERDA, Ana Carolina de; et al. Uso excessivo de telas na infância e seus prejuízos. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 11, e05131147225, 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i11.47225.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VALENTE, José Armando. **O uso inteligente do computador na educação.** Pátio, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 19-21, maio/jul. 1997.

ZAIA, Lia Leme. **A construção do real na criança: a função dos jogos e das brincadeiras.** Revista SCHÊME, Marília, v. 1, n. 1, p. 74-82, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/550>> . Acesso em: 07 maio 2025.